



ARTIGOS - ARTICLES

Deter o tempo com as palavras: a História da Literatura como
consciência histórica da *Bildung*

Walkiria Oliveira Silva¹
Professora do Departamento de História
Universidade de Brasília
walkiria.oliveiras@gmail.com

Como citar este artigo: SILVA, W. O.. “Deter o tempo com as palavras: a História da Literatura como consciência histórica da *Bildung*”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº8, pp. 62-92. 2019. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

Resumo: No início do século 20, os germanistas Friedrich Gundolf e Herbert Cysarz buscaram refletir acerca da relação entre o mundo histórico e a eternidade. Inseridos na crise do paradigma historicista, ambos os germanistas procuraram responder a esta crise, que tinha como cerne a função pragmática do conhecimento histórico para a vida prática cotidiana. Este artigo analisa as reflexões de Gundolf e Cysarz sobre o tempo e a eternidade relacionando-as com a função formativa do conhecimento histórico, condensada no conceito neo-humanista de *Bildung*. Neste sentido, são analisadas as influências teóricas e filosóficas de ambos os autores e os desdobramentos epistemológicos de suas ponderações a partir da relação interdisciplinar entre a Germanística e a História.

Palavras-chave: historicismo, Germanística, *Bildung*, tempo, eternidade.

Arrest time with words: the History of Literature as Bildung's historical consciousness

Abstract: In the early 20th century, the Germanists Friedrich Gundolf and Herbert Cysarz sought to reflect on the relation between the historical world and eternity. Inserted in the crisis of the historicist paradigm, both Germanists sought to respond to this crisis, which had as its center the pragmatic function of historical knowledge for everyday practical life. This article analyzes Gundolf and Cysarz's reflections on time and eternity relating them to the formative function of historical knowledge, condensed in *Bildung's* neo-humanist concept. In this sense, we analyze the theoretical and philosophical influences of both authors and the epistemological

¹ Doutora pelo PPGHIS da Universidade de Brasília com estágio na Ruhr Universität Bochum. Professora do Departamento de História da Universidade de Brasília. Agradeço ao professor Estevão Martins pela prévia leitura.

consequences of their considerations based on the interdisciplinary relationship between German studies and History.

Keywords: historicism, German studies, *Bildung*, time, eternity.

Das Volk ist eine Idee.

Wir sollen ein Volk werden.

Ein vollkommener Menschen ist kleines Volk.

Novalis. *Aphorismen*².

Não foram poucos, e muito menos modestos, os elogios que Herbert Cysarz dirigiu a Friedrich Gundolf em um pequeno ensaio publicado em 1925 no jornal berlinense *Der Morgen*. Ao tecer uma breve e competente análise sobre a obra do reconhecido professor de Heidelberg e sua relevância para as ciências do espírito, Cysarz afirmou que a obra de Gundolf anunciava uma nova postura para aqueles que se dedicavam à Germanística: o comprometimento não apenas com a seriedade da pesquisa e com a verdade científica, mas com a vida e a realidade a elas atreladas. O conhecimento histórico que Gundolf desempenhava conectava-se àquilo que era vivo na essência e, portanto, fundamental aos homens do presente (Cysarz 1925, pp. 362-363). Para Cysarz, o conhecimento histórico produzido e renovado por Gundolf via História da Literatura não se constituía apenas como uma “lembrança do passado”. O passado era também presente e se conectava diretamente com as possibilidades de futuro. Essa História da Literatura possuía, portanto, uma função eminentemente pragmática (Cysarz 1925, p. 369).

A primeira referência de Herbert Cysarz à obra de Friedrich Gundolf apareceu no *Österreichische Rundschau*, dois anos antes. Em uma pequena resenha crítica, Cysarz dedicou algumas palavras à obra de Gundolf, *Heinrich von Kleist*, publicada em 1922. Data do mesmo ano da resenha, a primeira carta conservada do conjunto epistolar trocado entre Gundolf e Cysarz que evidencia que ambos mantinham um diálogo precedente. Cysarz agradece a Gundolf pelo envio de seu livro editado

² Um povo é uma ideia/ Nós devemos nos tornar um povo/ Um homem completo é um pequeno povo. Tradução minha. Todas as traduções do alemão presentes ao longo do artigo foram feitas por mim.

naquele mesmo ano, *Martin Opitz*. Esta é a única correspondência na qual aparece uma alusão à conturbada conjuntura política alemã durante os anos da República de Weimar. De Viena, Cysarz informa Gundolf sobre sua ligeira passagem por Heidelberg que impossibilitara um encontro entre ambos. Cysarz afirma, então, ter passado “dias revolucionários” enfadonhos em Hamburgo e Frankfurt³.

O apreço intelectual recíproco entre Gundolf e Cysarz encontra-se documentado em uma coleção de correspondências conservadas no arquivo *Friedrich Gundolf Papers*, situado na Universidade de Londres⁴. As cartas trocadas indicam que Gundolf e Cysarz se encontraram com certa regularidade, entre 1923 e 1929. Em missiva remetida a Gundolf, em julho de 1923, Cysarz escreveu que esperava desembarcar em Heidelberg no final de outubro para um possível reencontro⁵. Em tom sempre cordial, Gundolf refere-se a Cysarz como “estimado amigo”. Por sua vez, Cysarz não dispensa certa formalidade, chamando Gundolf por “estimado e querido senhor professor”. As cartas destinadas a Gundolf são arrematadas, na maioria das vezes, com um cumprimento à Elisabeth Salomon, antes noiva e a partir de novembro de 1926, esposa de Gundolf, o que reforça a proximidade entre ambos.

O estilo respeitoso de Cysarz não se apresenta por acaso. No limiar do século XX, o germanista Friedrich Gundolf havia se firmado como um pesquisador

³ Carta de Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 12 de novembro de 1923. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies. University of London. Ref. 11412/1856. É provável que Cysarz se refira às turbulências ocorridas durante a República de Weimar e suas consequências disseminadas pelo território alemão. No período de 1928 a 1921, a Alemanha passou por diversos levantes revolucionários que acabaram por ser abafados pela ação conjunta da Social Democracia e das forças paramilitares da direita. No início de 1923, tropas francesas e belgas ocuparam a região do Ruhr e reacenderam a crise política e social e teve como consequências uma inflação descontrolada e o fortalecimento da bipolarização política. Governos de coalisão entre a Social Democracia (SPD) e o Partido Comunista (KPD) se formaram na Saxônia e na Turíngia. Uma coalisão com o SPD nomeou Gustav Stresemann como chanceler que pouco tempo depois foi retirado do cargo e substituído por Wilhelm Marx. Cabe destacar que três dias antes da carta de Cysarz, Hitler, inspirado pela marcha sobre Roma de Mussolini, tentou tomar o poder em Munique mediante uma tentativa fracassada de golpe de Estado. (Fenske 2002, p.172-181).

⁴ Estão conservadas um total de 24 cartas, excetuando-se 2 postais enviados por Cysarz a Gundolf, ambos de 1928, e outro documento que se assemelha a um bilhete. Soma-se ainda uma carta à Elisabeth Salomon, esposa de Gundolf. Existe um número maior de cartas que Cysarz escreveu a Gundolf. A Cysarz, foram preservadas 4 cartas (duas cartas, uma de 1926 e outra de 1928, respectivamente, e duas correspondências de 1929). Da parte de Cysarz, existem 20 cartas escritas a Gundolf, excluindo-se os postais e o bilhete (uma correspondência de 1923, duas de 1924, duas de 1925, uma de 1926, três de 1927, quatro de 1928, três de 1929, duas de 1930). Duas cartas não possuem a informação do ano em que foram escritas. De 1932, consta uma carta destinada à Elisabeth Salomon, esposa de Gundolf. De todas estas cartas, apenas duas que Gundolf escreveu a Cysarz se encontram publicadas: a primeira de 22 de setembro de 1928 e a segunda de 3 de novembro de 1929. Cf. (Bock 1965, p. 225-229).

⁵ Carta de Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 22 de julho de 1924. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies. University of London. Ref. 11412/1856. Mediante a correspondência conservada, é possível que Gundolf e Cysarz tenham se encontrado cerca de nove vezes, entre 1923 e 1929.

fundamental para os estudos acerca da história da literatura alemã, principalmente para aqueles dedicados ao romantismo. Foi na efervescência e na pluralidade intelectual da Universidade de Heidelberg que Gundolf passou grande parte da sua vida, como aluno e como professor. Em Heidelberg, com exceção dos semestres que estudou em Munique, em 1899, e em Berlim, em 1900, Gundolf cursou Filosofia e História da Arte e da Literatura. Na Universidade de Berlim, Gundolf doutorou-se com o trabalho *Caesar in der deutschen Literatur* [César na Literatura Alemã], em 1903.

Anos mais tarde, em 1911, Gundolf publicou sua tese de livre docência, *Shakespeare und der deutsche Geist* [Shakespeare e o Espírito Alemão], defendida na Universidade de Heidelberg e supervisionada pelo sociólogo Alfred Weber (1868-1958) e pelo historiador Eberhard Gothein (1853-1923). Gundolf inicia sua carreira docente e ocupa o cargo de *Privatdozent* na Faculdade de Filosofia da Universidade de Heidelberg. Não sem razão, portanto, Cysarz iguala o início da atividade acadêmica de Gundolf com a publicação de sua obra acerca de Shakespeare e sua recepção pelo romantismo alemão (Cysarz 1925, p. 364).

Sua obra monumental, *Goethe*, veio a lume em 1916 e garantiu a Gundolf o cargo de professor extraordinário da cátedra de Literatura Moderna Alemã, na mesma universidade. Apesar de sua tese de livre docência ter sido considerada um divisor de águas na Germanística, ao propor um estudo centrado na pragmática do conhecimento mediante um profundo diálogo com a fundamentação e manutenção da identidade cultural e histórica dos alemães, foi *Goethe* que tornou seu nome uma referência imprescindível para os debates acerca das ciências humanas que ocorriam naquele momento. Já no seu artigo de 1925, Cysarz anuncia aquilo que estaria presente na sua obra que seria publicada no ano posterior. *Goethe* se tornava desde seu nascedouro uma obra paradigmática, um guia para todos os historiadores da literatura (Cysarz 1925, p. 365).

Significativo na biografia de Gundolf foi seu encontro com o poeta simbolista Stefan George (1868-1933), ocorrido em meados de abril de 1899⁶. Durante as três

⁶ Durante o semestre de inverno de 1899-1900, Gundolf se encontrava em Munique e conheceu Karl Wolfskehl (1869-1948) que tratou de apresentar o jovem a George. Wolfskehl também era membro do Círculo de Stefan George e o conhecimento com Gundolf ocorreu através da comunidade judaica de Darmstadt, cidade natal de Gundolf. Karl Wolfskehl provinha de uma bem-sucedida família de banqueiros e estudou História, Arqueologia e Ciências da Religião na Universidade de Giessen. Manteve contato com Gundolf até a morte deste. Sobre seu primeiro encontro com George, relatou Gundolf: “Eu encontrei-me com George pela primeira vez em abril de 1899, por meio de Wolfskehl em Munique, no natal do mesmo ano fiz uma visita rápida a Bingen [am Rhein], o contato mais próximo data de fevereiro de 1900. As poesias, sobretudo *Das Jahr der Seele* [O ano da alma] conheci na primavera de 1898.” Friedrich Gundolf a Friedrich Wolters. Carta de junho de 1913 (sem dia)

décadas seguintes, Gundolf foi o principal membro do chamado Círculo de Stefan George, dando-lhe, inclusive, formatação teórica mediante a publicação de artigos na revista *Blätter für die Kunst* [Folhas para a Arte], vinculada oficialmente ao grupo de George e editada entre 1892 e 1919, com uma longa interrupção nos anos da Grande Guerra. O processo de formação do chamado Círculo de Stefan George se iniciou na última década do século 19. De maneira geral, o Círculo se constituiu como um movimento cultural caracterizado pela reunião de poetas e intelectuais em torno do poeta alemão Stefan George. É necessário sublinhar que o Círculo não se constituía como um grupo homogêneo e organizado, como o nome pode, equivocadamente, dar a entender. Além de seus membros oficiais, como Gundolf, os historiadores Friedrich Wolters (1876-1930), Ernst Kantorowicz (1895-1963) e Ernst Bertram (1884-1957) e o germanista Max Kommerell (1902-1944), o Círculo existia também enquanto uma constelação de amigos e simpatizantes, um coro artístico-intelectual que de diversas maneiras se dirigia ao poeta Stefan George e aos demais membros de seu Círculo.

Inserido em uma tendência do final do século 19, o Círculo de Stefan George pode ser compreendido como um movimento voltado para a crítica da cultura moderna diante da experiência trágica da modernidade. Os membros do Círculo de George colocavam-se contrários à sociedade de massas, ao processo nefasto e sombrio de industrialização da Alemanha pós-unificada que conduziu a uma mecanização de todos os campos da vida. A partir de 1910, o Círculo de Stefan George era formado, em sua maioria, por professores acadêmicos que buscaram conciliar as premissas disseminadas pelo Círculo com suas investigações acadêmicas, principalmente nas ciências humanas. Não por acaso, Gundolf e Friedrich Wolters (1876-1930) editaram em 1910 o primeiro *Jahrbuch für die geistige Bewegung* [Anuário para o movimento espiritual], outra publicação vinculada oficialmente ao Círculo. Com caráter combativo, o *Jahrbuch* objetivou reunir ensaios e artigos que refletiam sobre a metodologia, a teoria e epistemologia do conhecimento científico, disciplinar e acadêmico. O segundo e o terceiro volumes do *Jahrbuch* vieram a público em 1911 e 1912, respectivamente.

O mundo representacional compartilhado entre os membros do Círculo de George se assentava em um *ethos* aristocrático que fundamentava sua identidade. Formado pela burguesia culta alemã, a *Bildungsbürgertum*, os georgeanos se entendiam como protetores e portadores de uma *Kultur* germânica que delineava a identidade

(Fricker 2009, p. 83). Foi de George a sugestão da mudança do patronímico Gundelfinger para Gundolf que veio prevalecer e foi legalizado como sobrenome definitivo. Não há motivos aparentes para esta modificação além de questões estéticas (Salin, 1948, p. 101).

cultural alemã. Nesta visão de mundo era a formação do espírito individual – e não o sucesso econômico – que constituía a marca distintiva dos espíritos bem-educados. Neste sentido, são estes indivíduos que compartilham intersubjetivamente desta mesma formação espiritual, ou seja, da absorção de uma *Kultur* especificamente, que definem os traços identitários do povo alemão. Essa cultura alemã se encontra em uma relação antitética e assimétrica com o conceito de civilização. Antitética porque ambos os conceitos estão ligados a partir de uma oposição que sublinha suas diferenças. Assimétrico devido a uma relação de superioridade que é imposta pelo agente que interpreta sua realidade a partir do conceito referente. Neste caso, a *Kultur* é, para parcela significativa dos intelectuais alemães, superior ao conceito de civilização. Cultura é um conceito agregador que reúne os indivíduos mediante a ideia de pertencimento com base em uma formação espiritual comum que conforma sua identidade. Civilização, por sua vez, apresenta-se enquanto um conceito desagregador, desfavorável à boa formação, voltado para a superficialidade e a universalidade e, por consequência, incapaz de formar uma identidade. Esta dicotomia constitui a visão de mundo dos intelectuais ligados ao Círculo de George, integra seu *habitus*, seu mundo axiológico e permeia suas obras.

Curiosamente, a troca epistolar entre Gundolf e Cysarz não sugere a ocorrência de algum encontro entre Cysarz e Stefan George ou com algum outro membro do Círculo. Não há da parte de ambos, nenhuma alusão ao nome de Stefan George ou a algum acontecimento relacionado ao Círculo. No conjunto de correspondências publicadas de Gundolf – cujo volume não é insignificante – o nome de Cysarz aparece somente três vezes. Apenas em 1926, Gundolf indaga a Wolfskehl se ele havia lido *Literaturgeschichte als Geisteswissenschaft* [História da Literatura como Ciência do Espírito] que Cysarz publicara no mesmo ano⁷.

Não deixa de ser interessante este distanciamento que Gundolf estabeleceu entre Cysarz e o Círculo de Stefan George. Considerada a estrutura formativa do Círculo, Cysarz cumpria os principais requisitos: era bem formado mediante a absorção de uma *Kultur* germânica, pertencia à *Bildungsbürgertum*, a burguesia culta alemã, e compartilhava a ideia da existência inquestionável de uma identidade cultural alemã, independente dos contratempos políticos. Uma razão possível para esta reserva de Gundolf foi seu afastamento de George desde 1923, cujo aprofundamento levou ao rompimento definitivo três anos depois, em razão de seu casamento com Elisabeth

⁷ Carta de Friedrich Gundolf. Novembro, 1926 [sem dia]. Dois anos depois, Wolfskehl comenta sobre Cysarz em missiva a Gundolf, afirmando que preferia manter certo distanciamento do germanista. Não há razão evidente para esta atitude. carta de Karl Wolfskehl a Friedrich Gundolf. 20 de fevereiro de 1928 (Kluncker 1977, p. 151-164).

Salomon (1893-1958)⁸. Pode-se inferir que devido à estremecida relação com o poeta, Gundolf preferiu evitar introduzir Cysarz ao Círculo.

Herbert Cysarz nasceu na última década do século 19, mais precisamente em 1896, na região da Silésia, à época parte do Império Austro-Húngaro. Região fronteira entre a atual Polônia, Alemanha e República Tcheca, a Silésia era uma região plural que passava por constantes conflitos entre poloneses católicos e alemães protestantes. Com a unificação do Império Alemão, em 1871, a região foi a ele oficialmente anexada. A alta Silésia passou por um profundo processo de industrialização, resultado das políticas de industrialização de Bismarck levada a cabo em todo o Império Alemão. A *Kulturkampf* fortaleceu a oposição entre os católicos e os protestantes, contribuindo significativamente para um renascimento polonês na alta Silésia, onde a população era majoritariamente de origem polaca e católica. A região onde nasceu e viveu Cysarz até sua mudança para Viena em razão dos estudos, era dominada por uma população descendente de alemães e protestantes. A experiência de Cysarz em uma região de permanente conflito identitário não pode ser desconsiderada para a compreensão de seu pensamento sobre o conhecimento histórico ligado às questões identitárias fundamentais⁹.

Após cursar Filosofia e Psicologia na Universidade de Viena, Cysarz doutorou-se na mesma Universidade, em 1919, com o trabalho *Erfahrung und Idee: Probleme und Lebensform der deutschen Literatur von Hamman bis Hegel* [Experiência e Ideia: Problemas das formas de vida da literatura alemã de Hamman até Hegel]. Seu trabalho foi premiado, em 1923, com o *Wilhelm-Scherer Preis*, concedido pela Academia Prussiana de Ciência. *Deutsche Barockdichtung* [Poesia barroca alemã], sua tese de livre

⁸ Elisabeth Salomon era considerada – dentro da ótica do Círculo de George – uma mulher moderna. Era jovem, independente e lutava pela emancipação feminina. Estudou filosofia e *Staatswissenschaft* nas universidades de Munique, Berlim e Heidelberg, onde obteve seu doutorado em 1919 sob orientação de Alfred Weber. Salomon representava uma oposição à cosmovisão compartilhada por George e seu Círculo, que se acentuava também em um mundo estritamente masculino – com raríssimas exceções.

⁹ É importante uma pequena nota explicativa sobre a história da Silésia, região que passou por diversas divisões territoriais e invasões. Por volta do ano 900, a Silésia foi conquistada pelos boêmios e após 950 por poloneses que a cristianizaram. Sob domínio de Frederico I do Sacro Império Romano Germânico, a Silésia conquistou relativa autonomia política. No século 13, com a queda da dinastia polonesa dos Piasten, recebeu um contingente populacional da Saxônia e da Turingia. Depois de 1250, a Silésia se dividiu em inúmeros principados e foi incorporada novamente à Boêmia em 1348, durante o reinado de Carlos IV, futuro Kaiser do Império. No século 15, a alta Silésia caiu sob domínio polonês. No século 16, passou ao domínio dos Habsburgos que levou a cabo a contrarreforma na região, uma vez que o protestantismo alcançara a Silésia durante o século 16. Em 1740, Frederico II ocupou a Silésia e a Paz de Berlim (1742) estabeleceu que a maior parte do território deveria ficar com a Prússia. No século 19 seguiu a industrialização e o fortalecimento polonês. Com o Tratado de Versalhes, o Império Alemão cedeu parte do território à então Tchecoslováquia e parte da fronteira leste à Polônia (Faddey 1998, p.1123-1125).

docência, foi defendida em Viena, em 1924. Dois anos depois, Cysarz foi nomeado professor na mesma universidade. No ano seguinte, ocupou a cátedra do germanista e historiador da literatura, August Sauer, na Universidade de Praga¹⁰.

As cartas escritas a Gundolf por Cysarz permitem, em parte, reconstruir o burocrático processo de sua nomeação para a Universidade de Praga. Antes da nomeação para Praga, Cysarz refletiu sobre a possibilidade de ocupar um cargo de professor de Germanística na Academia de Música e Artes Cênicas de Praga que havia alcançado a posição de universidade. Em duas missivas de 1927, Cysarz discorreu acerca de sua possível nomeação para a cátedra de August Sauer. No dia 15 de junho, Cysarz fora convidado a acertar o seu contrato que lhe garantia o salário completo de professor ordinário e o direito a um grande apartamento. Em outubro, retomando a questão da sua nomeação, Cysarz diz ter recusado a primeira oferta que não lhe garantia o salário integral e que, após pouquíssimos dias, o ministério acabara por acatar suas exigências.

Não há muitas informações biográficas disponíveis sobre Herbert Cysarz e encontra-las não é tarefa fácil. O que se pode afirmar é que nas primeiras décadas do século 20, Cysarz era um intelectual cuja carreira começava a se firmar no espaço de discussão germânico acerca da história da literatura alemã. Nas cartas a Gundolf estão presentes vários relatos de Cysarz acerca de suas viagens com o objetivo de realizar conferências em diversas universidades europeias. Cysarz escreveu ainda sobre a necessidade de refletir a respeito de um convite que lhe fora feito para passar o semestre de inverno nos Estados Unidos¹¹. Ao que parece, Cysarz recusou a oferta, pois não consta nenhuma alusão a alguma viagem à América nas demais correspondências. Em outubro de 1927, Cysarz informou ter sido convidado para um curto período de permanência, durante fevereiro de 1928, na Academia de Belas Artes da Turquia¹². No último trimestre de 1927, por exemplo, Cysarz noticiou a realização de uma longa viagem com várias conferências em diversas universidades europeias: Kassel, Münster, Heidelberg, Freiburg, Basileia, Zurique e, por fim, Berna¹³.

¹⁰ Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 12 de novembro de 1923; 4 de junho e 6 de outubro de 1927. *Friedrich Gundolf Papers*. Institut of Germanic and Romance Studies. University of London. Ref. 11412/1856).

¹¹ Carta de Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 1 de outubro de 1927. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies. University of London. Ref. 11412/1856.

¹² Carta de Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 27 de fevereiro de 1926. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies. University of London. Ref. 11412/1856.

¹³ Carta de Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 27 de outubro de 1927. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies. University of London. Ref. 11412/1856. Ver também: uma conferência sobre Nietzsche na Basileia (carta de 29 de janeiro de 1928) e em Kiel (carta de 20 de dezembro de 1924; também: 20 de dezembro de 1929), relato sobre uma

Cysarz produziu um número significativo de obras e, em 1976, publicou uma autobiografia, *Vielfelderwirtschaft. Ein Werk und Lebensbericht* [Campos multidisciplinares: um relato de vida e obra]. Publicou cerca de 23 livros, excetuando-se sua autobiografia, e incluindo dois romances. Durante sua carreira acadêmica, Cysarz se empenhou nos estudos sobre poesia barroca alemã e a filosofia, sobretudo de Schiller, Herder e Nietzsche¹⁴.

Cysarz transferiu-se para a Universidade de Munique, em 1938, onde foi professor ordinário da disciplina de História da Literatura Moderna Alemã até 1945. A mudança de Cysarz para Munique ocorreu antes do Acordo de Munique assinado no mesmo ano. Essa questão é relevante, dado o local conturbado de nascimento de Cysarz e seu entusiasmo pelos sudetos alemães. Cysarz viu com otimismo a ocupação nazista da Tchecoslováquia. A invasão desrespeitou a decisão do Acordo de Munique firmado entre a França, Inglaterra, Itália e a Alemanha, adiantando a invasão não somente da região dos sudetos alemães, mas de todo o território da Tchecoslováquia.

Gundolf deixou a vida em 1931. Não acompanhou a ascensão definitiva do nacional socialismo e os acontecimentos desastrosos que se seguiriam nos anos vindouros. Gundolf, nascido no seio de uma família judia de Darmstadt, que se considerava um alemão formado pela *Kultur* germânica, certamente percebeu a neblina que envolveu a sociedade alemã a partir do final do século 19: o crescimento do antissemitismo, da intolerância e da extrema direita. Por outro lado, Cysarz se filiou ao Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães em 1940, apesar de sua filiação ter sido antecedida nos documentos oficiais para 1938¹⁵.

Logo após a morte de Gundolf, Cysarz publicou um artigo no *Jahrbuch des Freien Deutschen Hochstifts* sobre George e Nietzsche, acompanhado de uma longa dedicatória a Friedrich Gundolf. “Essas folhas”, declarou Cysarz, “escritas nos últimos

viagem para conferências que o levaria até Münster, sem detalhar os locais de passagem (carta de 1 de fevereiro de 1926). No ano de 1924, Friedrich Wolters era professor na Universidade de Kiel. Na correspondência conservada entre Gundolf e Wolters, o nome de Cysarz não é mencionado, o que reforça o distanciamento colocado por Gundolf entre Cysarz e os demais membros do Círculo.

¹⁴ O conhecimento da obra de Cysarz ocorreu durante meu estágio de doutoramento no exterior. Ao pesquisar a correspondência de Friedrich Gundolf, percebi uma troca epistolar significativa entre ambos, o que indicava a relevância intelectual de Cysarz. Algumas obras de Cysarz: Em 1928, publicou *Von Schiller zu Nietzsche* [De Schiller a Nietzsche] e em 1934, *Schiller. Reflexões sobre o impacto da Primeira Guerras nas ciências humanas estão presentes em Zur Geistesgeschichte des Weltkriegs. Die dichterischen Wandlungen des deutschen Kriegsbildes 1910-1930* [Sobre a Ciência do Espírito da Guerra Mundial. As transformações poéticas das imagens alemãs da guerra 1910-1930].

¹⁵ É provável que essa mudança tenha relação com a nomeação de Cysarz para a Universidade de Munique. No entanto, ainda não encontrei documentação comprovativa.

dias de Gundolf”, eram também “uma primeira memória” sobre suas conversas e reflexões conjuntas. No entanto, mais que uma lembrança, aquelas páginas eram também uma forma de agradecimento pelos ensinamentos de Gundolf (Cysarz 1931, p. 94). Anos depois, em 1934, Cysarz proferiu uma conferência na Universidade de Brünn, novamente sobre Stefan George. Não obstante as correspondências trocadas entre Gundolf e Cysarz não evidenciem um encontro direto entre George e Cysarz, as ideias do Círculo transmitidas por Gundolf, parecem ter sido significativas para o pensamento de Cysarz. As palavras de George não constituíam uma filosofia das ideias, mas uma filosofia das realizações diante da vida sagrada dos homens. Para Cysarz, havia chegado então, o momento das realizações (Cysarz 1935, pp. 60-75). Talvez, Cysarz se referisse aqui à ascensão de Hitler ao poder, ocorrida no ano anterior.

Em 1933, as obras de Gundolf foram proibidas devido à sua descendência judaica. A carreira de Cysarz se manteve estável em Munique. Com a derrocada do nazismo e suas consequências não somente políticas e econômicas, mas sobretudo, o enfrentamento do terror e da desumanização, muitos intelectuais foram retirados de suas funções nas universidades em um processo de desnazificação. Assim, a carreira docente de Cysarz no espaço acadêmico alemão se encerra oficialmente em 1945.

A amizade de Cysarz com Gundolf não perdurou o suficiente para enfrentar esta questão. Frente à ascensão do nazismo, a esposa de Gundolf, também judia, emigrou para a Inglaterra. Antes, porém, Elisabeth Salomon organizou toda a correspondência, as publicações e a biblioteca pessoal de Gundolf que partiu para o exílio em 1933 para a Inglaterra, junto com a biblioteca de Aby Warburg.

A Germanística encontra a História: o tempo, a duração e a eternidade

A crise do pensamento racionalista que na história se apresentou como uma crise do paradigma historicista, mostrou-se, para parcela dos intelectuais, como uma crise da experiência do tempo. A percepção de uma crise na cultura moderna é acompanhada pela crítica à capacidade formativa do conhecimento histórico e a essa crise formativa é acoplada a reflexão acerca de uma nova relação com o tempo a fim de articulá-lo à reflexão acerca das experiências históricas. Na *Segunda Consideração*

Intempestiva, considerada um marco inicial para a chamada crise do historicismo, Friedrich Nietzsche apontou que essa crise se constituía primeiro como uma crise formativa, pois o conhecimento histórico se desatrelara da vida. Mais que isso, Nietzsche indicava a necessidade de uma nova experiência do tempo no sentido de destacar a perenidade.

Ao se tornar uma disciplina científica no decorrer do século 19, a história abandonara sua função pragmática para a vida humana prática cotidiana. A necessidade de desenvolver o campo teórico metodológico da ciência histórica conduziu a um afastamento das suas funções para os homens diante de suas escolhas de ação perante as quais situar-se no tempo é imprescindível a fim de agir no mundo. Para muitos intelectuais, a cientificização do conhecimento histórico trazia consigo uma aproximação com a metodologia das ciências naturais. Disso resultava a produção nefasta de um conhecimento frio e sem sentido, pois, apartado da vida.

A Germanística, assim como a História, começou a apresentar contornos científicos no início do século 18. Diante desse processo de cientificização e de um novo conceito de história cuja faceta metódica era a reconstrução do passado, os estudos acerca da língua e da literatura se tornaram objetos centrais da Filologia. Neste momento, os filólogos se esforçaram para construir um aparato metódico que deveriam guiar aos estudos acerca da língua e da literatura. Havia, nesse conceito de Filologia, pouco espaço para o elemento hermenêutico interpretativo (Fohrmann 1994, p. 6). Ocorre, portanto, o domínio da Filologia que passou a ser sinônimo da própria Germanística que se afirmava enquanto atividade científica nas universidades alemãs (Kolk 1994, p.64). Contudo, apesar do esforço em reunir documentos e construir um aparato metodológico que distanciasse sua atividade científica do puro diletantismo, a começou a ser abalado por um problema: seu distanciamento com a vida e, mais especificamente, com sua função identitária.

Se a obra de Nietzsche marca o início da crise do historicismo, ou seja, da crise da função pragmática do conhecimento histórico, na Germanística foi a chamada “querela dos Niebelungos” [*Niebelungenstreit*] que desempenhou tal tarefa. A querela dos Niebelungos não se restringia somente às dissonâncias metódicas interpretativas acerca da epopeia nórdica. Mais do que isso, as discussões que acaloraram os germanistas se relacionavam com o próprio sistema científico universitário na qual se encontrava a Germanística e, principalmente, trazia à superfície os questionamentos sobre a função formativa das pesquisas realizadas pelos germanistas. Em 1854, Adolf Holtzmann (1810-1870), publicou *Untersuchungen über das Niebelungslied* [Investigações

sobre a Canção dos Niebelungos] que abriu a controvérsia. Uma das críticas de Holtzmann se direcionava para o trabalho de um dos pais da Germanística científica, o professor de Berlim, Karl Lachmann (1793-1851).

No entanto, o que estava de fato em disputa, era a própria função da filologia e seu direcionamento para o grande público. Holtzmann dedicou sua obra ao filólogo Friedrich Heinrich von der Hagen (1780-1856) que, apesar de ser professor em Berlim, era estigmatizado por se ligar a uma tradição de popularização da prática científica. Holtzmann entendia que sua obra devia estar conectada à formação da nação sem se limitar a um encarceramento no âmbito universitário científico (Kolk 1994, pp.84-87). A *Niebelungenstreit* inaugurou, portanto, os debates sobre a função pragmática dos estudos relacionados à ciência da Germanística e seu vínculo com a fundamentação identitária dos alemães. Não por acaso, a contenda se concentrou na Canção dos Niebelungos, épico elementar para a narrativa da origem histórica dos povos germânicos.

Desde o final do século 19, tanto o campo da Germanística como o do conhecimento histórico, passaram por abalos metódicos e epistemológicos que buscaram refletir acerca da função pragmática do conhecimento por elas produzido. Essa função pragmática estava intrincada com a fundamentação da identidade nacional com a qual ambas as disciplinas se relacionavam. O que pareceu ganhar espaço principalmente no início do século 20 foi uma retomada hermenêutica que tinha a identidade cultural dos alemães como princípio interpretativo para a construção de sentido para a pesquisa e seu produto narrativo. Foi nesse momento turbulento que a chamada nova Germanística se fortaleceu, indicando pela própria adjetivação que a acompanha um rompimento não somente epistemológico, mas também geracional.

A chamada nova Germanística colocou a História da Literatura como o principal campo de pesquisa com ela relacionado. Essa História da Literatura se voltou especialmente para a literatura moderna, marcando um distanciamento com a filologia clássica que marcava a Germanística desde o seu nascimento sob a égide do neo-humanismo. Seu principal objetivo era estar ligada à vida e ao desempenho de uma função pragmática cujo foco era a fundamentação cultural identitária dos alemães. Procurava-se ultrapassar o domínio da pesquisa filológica e desempenhar uma atividade de pesquisa comprometida com a vida prática cotidiana. A escola de filologia histórica fundada por Wilhelm Scherer (1841-1866) que havia realizado um trabalho de reunião e crítica das fontes com influência do positivismo, sofreu influxo da

psicologia e, principalmente, da filosofia da vida. Para Scherer e seus seguidores era necessário ultrapassar o trabalho de crítica e reunião de fontes a fim de alcançar as forças espirituais que se revelavam também no passado. A História da Literatura acabou por se tornar campo de pesquisa dominante no campo da Germanística¹⁶.

Os estudos de base filológica que eram, de maneira geral, desenvolvidos mediante as biografias dos autores, começaram a ser entendidas a partir de outras questões que ultrapassavam as condições históricas materiais. A influência do pensamento de Henri Bergson e Wilhelm Dilthey contribuiu significativamente para firmar o consenso de que havia outras circunstâncias espirituais a ser consideradas. Prevaleceu a ideia da existência de um princípio original, *Ursprung*, para além da condicionalidade histórica, embora não totalmente dela excluída, atrelada a uma origem espiritual (Schmitz 1965, pp. 24-25). Não sem motivo, o germanista Ernst Elster (1860-1940) afirmaria que “tinha-se já os documentos nas mãos, mas faltava ainda a ligação espiritual” (Elster 1894. Apud: Kolk 1994, p. 106).

Gundolf e Cysarz se formaram e desempenharam suas pesquisas fortemente influenciados pela nova Germanística e ambos se dedicaram à História da Literatura. Neste sentido, delinear uma atividade científica que não se compreendesse somente enquanto sinônimo da crítica filológica foi um esforço que ambos compartilharam. As pesquisas desempenhadas no âmbito da Germanística deveriam se integrar às *Geisteswissenschaften* e, por conseguinte, compartilhar de seu arcabouço teórico e metodológico, buscando, ao mesmo tempo, redefini-lo.

Neste sentido, essa nova Germanística procurou tecer distinções entre o que poderia estar conectado à vida ou dela apartado, o vivo do não vivo [*Wesentlich/Unwesentlich*]. Esta questão era perpassada por uma reflexão fundamental: o discernimento entre o temporal e o eterno e sua articulação no mundo histórico (Kolk 2012, p. 330). O artigo publicado pelo germanista e, desde 1915, professor da Universidade de Munique, Fritz Strich (1882-1963) no *Deutsche Allgemeine Zeitung*, deixa evidente a importância pública do debate. A tarefa pragmática da Germanística era associada diretamente à função pragmática da História, questão colocada inicialmente por Nietzsche. Essa nova geração de germanistas deveria se ater à força plástica que se apresentava na substância duradoura “que sempre permanece como presente” (Strich 1927). A Germanística e a História se encontravam, portanto, entrelaçadas.

¹⁶ Um dos principais nomes da História da Literatura foi Erich Schmidt (1853-1913) que foi orientador de doutoramento de Friedrich Gundolf em Berlim.

A guinada para a ideia de vida, compartilhada pela Germanística e pela História, como recurso último ao qual se podia apelar para ressignificar a pragmática do conhecimento científico, é marcada por uma discussão sobre o tempo cujo objetivo era distinguir a experiência do tempo do espírito, ou a experiência individual do tempo, do tempo cronológico, exterior e homogêneo. A reflexão sobre a experiência do tempo como princípio fundamental para ressignificar a função pragmática do conhecimento histórico conectada à História da Literatura na perspectiva da nova Germanística foi um esforço compartilhado entre Gundolf e Cysarz. Além disso, nas primeiras décadas do século XX, as barreiras disciplinares, não obstante o empenho para a delimitação epistemológica dos campos de conhecimento, ainda não se encontravam completamente estabelecidas, o que facilitava o diálogo interdisciplinar.

Junto à ideia de vida, o conceito de vivência de Wilhelm Dilthey¹⁷ (1833-1911) foi fundamental para que Gundolf e Cysarz cogitassem sobre a experiência do tempo. A aproximação com Dilthey não é aleatória, tendo em vista sua valorização do âmbito subjetivo interior para a reconstrução do mundo histórico. Vivenciar diz respeito não somente àquilo que é vivenciado em determinado momento, mas o que dele permanece. Foi Dilthey quem tratou de emprestar à vivência uma função conceitual explicativa que a sedimentou na linguagem (Gadamer 1997, p. 105). De maneira geral, ao propor o retorno à vida mediante o conceito de vivência, Dilthey se opôs ao racionalismo e ao positivismo, bem como à aproximação das ciências humanas da metodologia universalista das ciências naturais. Ao empregar para as ciências humanas o conceito de vivência, Dilthey reforçou o mundo interior espiritual como centro do conhecimento histórico.

Em Dilthey está clara a importância daquilo que permanece de uma vivência ocorrida em um mundo histórico do passado e daquilo que dela sobrevive para o presente, manifestando-se em produtos culturais. Esse resquício do passado no presente pode ser compreendido mediante um diálogo intersubjetivo fundamental empreendido pelo pesquisador. A intersubjetividade garante a interpretação que revivencia e insere o conteúdo a ser interpretado a um conjunto de vivências totalizantes que existe na consciência do agente interpretante (Röd 2008, p. 555). Quando Dilthey publicou *Der Aufbau der geschichtlichen Welt in den Geisteswissenschaften* [A

¹⁷ De acordo com Rainer Kolk, o germanista Rudolf Unger (1876-1942) foi um dos grandes responsáveis pela absorção da filosofia de Dilthey pelos germanistas. Em seu tratado de 1907, *Philosophische Probleme in der neueren Literaturwissenschaft* [Problemas filosóficos na nova ciência da Literatura], Unger tratou da influência de Dilthey e sua importância para a nova Germanística (Kolk 1994, p. 108).

construção do mundo histórico nas ciências humanas], em 1910, enfatizou que a história desempenhava um papel elementar em seu pensamento. Dilthey emprestou ao conceito de vivência uma dimensão histórica incontornável, reafirmando a condicionalidade histórica da mudança permanente como característica fundante da existência humana.

Em 1926, Cysarz publicou *Literaturgeschichte als Geisteswissenschaft* [História da Literatura como Ciência do Espírito] que Gundolf considerou ter sido influenciada pelo conceito de vivência de Dilthey e por suas próprias reflexões. Tratava-se de uma obra profundamente “gundolfiana” (Fricker 2009, p. 151). No decorrer da escrita de seu livro, Cysarz escreveu a Gundolf que seu pensamento a ele sempre se voltava¹⁸. A importância da sua obra reside no esforço cognitivo de Cysarz para sistematizar uma concepção de história da literatura que funcionasse como um norteador teórico e epistemológico para as outras ciências humanas. O livro de Cysarz deixa evidente que germanistas e historiadores compartilhavam de um ponto comum quando se tratava de discutir a produção do conhecimento científico: o entendimento de que todo conhecimento deveria estar necessariamente ligado à vida, e, neste sentido, desempenhar uma função pragmática para o presente. E, também para Cysarz, esse vitalismo passava necessariamente pela reformulação da experiência subjetiva do tempo que considerasse o atemporal como elemento constituinte do mundo histórico em permanente mudança. O mundo histórico se apresentava, portanto, como a dinâmica entre o temporal e o atemporal.

Em sua tentativa de sistematização epistemológica, Cysarz afirmou que as discussões sobre a função pragmática do conhecimento haviam se aprofundado, na Germanística, a partir de 1916, uma década antes da publicação de seu livro, o que lhe possibilitava um olhar retrospectivo. 1916 é o ano da publicação de *Goethe*, por Gundolf. Embora Cysarz não aponte especificamente a obra de Gundolf como um marco fundador, é notável a referência ao ano de 1916. *Goethe* cumpria as principais exigências que, para Cysarz, validavam a construção de um conhecimento científico com função pragmática: com a vivência como princípio metódico fundamental, o estudo de Gundolf buscou desempenhar uma função pragmática cujo objetivo era estar comprometido com a fundamentação da identidade cultural alemã que se estabelecia mediante um diálogo intersubjetivo baseado na dialética entre o temporal e o atemporal.

¹⁸ Carta de Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 20 de julho de 1925. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies. University of London. Ref: 1142/1856.

As observações de Gundolf sobre o conhecimento histórico se encontram pulverizadas em sua vasta obra sobre a história da literatura alemã. Diferente de Cysarz, a tarefa de tecer uma obra sistemática que delineasse de forma pormenorizada suas reflexões teóricas e metodológicas sobre o conhecimento histórico e a experiência do tempo que lhe é fundamental e de cuja compreensão depende a produção de um conhecimento válido para a vida humana prática, não ocupou Gundolf. No seu esforço cognitivo para pensar as possibilidades do conhecimento histórico via história da literatura, Gundolf indagou se não existiria uma substância metafísica, um centro da vida que teria por característica perdurar, a despeito das transformações do mundo histórico circundante (Gundolf 1911, p. 20). De maneira geral, Gundolf procurou entender como uma substância metafísica atemporal poderia se apresentar historicamente no mundo. Na perspectiva de Gundolf, o conhecimento apenas cumpriria sua função pragmática se a experiência temporal fosse ressignificada, mediante a dialética entre a temporalidade e a eternidade. Se existia uma crise da função pragmática do conhecimento, ela se apresentava, também para Cysarz, como uma crise da experiência do tempo. Existe um condicionante temporal intransponível, pois “qualquer vivência humana se desenrola no tempo” (Cysarz 1926, p. 12) e não é passível de repetição. Ter de se haver com a experiência temporal mediante uma desnaturalização do tempo, marca a especificidade de um conhecimento construído na perspectiva de sua união com a vida e o distingue das ciências naturais. Essa peculiaridade deveria ser considerada quando se tratava de construir conceitos que lhe serviriam de aparato analítico e, neste caminho, a “verdadeira história” teria por pressuposto a “vitalidade e [o] conceito”, ou, seja, a harmonia entre a vida e a capacidade analítica conceitual (Cysarz 1926, p. 167). Com o objetivo de entender a comunhão entre o temporal e o atemporal que considerasse a dessemelhança, apesar da interdependência entre ambas, da experiência do tempo exterior e homogênea, com aquela interior e heterogênea, Cysarz aproximou-se da filosofia de Henri Bergson e a problemática da duração, *le durée*.

Bergson é uma referência fundamental para Gundolf e Cysarz quando se trata de pensar sobre a experiência do tempo e a dialética entre o temporal e o atemporal. A filosofia da vida de Bergson não foi discutida largamente entre os historiadores alemães, que, por sua vez, não estavam completamente distanciados das propostas filosóficas que tinham a vida como referência¹⁹. Com base na filosofia de Bergson,

¹⁹ É viável lembrar que as primeiras décadas do século 20 são marcadas pela fenomenologia de Edmund Husserl e, posteriormente, Martin Heidegger publicaria, em 1927, uma das obras fundamentais da filosofia ocidental contemporânea, *Ser e Tempo*. Não menos importante, é o surgimento da psicanálise freudiana e sua ênfase no inconsciente e no reprimido. De toda

Cysarz e Gundolf propuseram um entrelaçamento entre a vivência – princípio metódico que lhes era fundamental –, o tempo – ou seja, a duração –, e a individualidade histórica – categoria imprescindível para a história da literatura que ambos desempenhavam, fortemente ancorada na reflexão sobre a experiência do tempo.

Após a publicação do primeiro *Jahrbuch für die geistige Bewegung*, Henri Bergson agradeceu a Gundolf pelo envio do mesmo. Bergson gratulou a Gundolf, sobretudo, pelo envio de seu artigo *Das Bild Georges*, que compunha o *Jahrbuch*. Para o filósofo, o artigo de Gundolf “testemunhava um senso penetrante das coisas espirituais”²⁰. Mesmo numericamente pequena, a troca de correspondência indica a existência de um canal de comunicação entre Bergson e Gundolf e que ambos haviam lido a obra um do outro. No início de 1909, Gundolf enviou a George uma obra de Bergson cuja leitura ainda não finalizara e informa ao poeta que outra obra do filósofo, já esgotada nas livrarias, encontrava-se em suas mãos (Boehringer; Landmann 1962, p. 193). Pela data da correspondência, é possível que Gundolf se referisse à *L'Évolution Créatrice* [A Evolução Criadora], publicada em 1907. O entusiasmo de Gundolf com Bergson ficou evidente na sua correspondência com então estudante Ernst Robert Curtius (1886-1956) que mais tarde seria reconhecido pelo seu trabalho sobre a literatura europeia medieval. Em missiva a Curtius datada de agosto de 1909, Gundolf o aconselha, caso ele retorne a Paris, a assistir a uma preleção de Bergson na Sorbonne. Além de tecer elogios à profundidade filosófica das reflexões de Bergson, no final da correspondência, Gundolf indaga sobre a possibilidade de Curtius lhe trazer de Paris uma fotografia do filósofo o qual havia obviamente lido, mas nunca pessoalmente conhecido (Lothar 1963, p.134).

Para Gundolf, quando se tratava de despertar as forças do passado, a cronologia tradicional era insuficiente pois, ao restringir os fenômenos históricos em épocas ou datas específicas retirava deles a capacidade para atuar no presente mediante um diálogo intersubjetivo – mediante vivência – entre o passado, o presente e a conformação de um futuro esperado que dependia da substância metafísica, o elemento eterno, no mundo histórico. Assim, “as periodizações cronológicas [eram]

forma, a filosofia de Bergson figura como uma referência para alguns germanistas, como Cysarz e Gundolf. Outros intelectuais que estiveram ligados ao Círculo de Stefan George se apoiaram na filosofia bergsoniana em seus artigos e livros. É o caso, por exemplo, de dois historiadores, Friedrich Wolters e Ernst Bertram.

²⁰ Carta de Henri Bergson a Friedrich Gundolf. 26 de março de 1910. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies. University of London. Ref. 11412/1853. Não é possível saber se existiram outras cartas trocadas entre Bergson e Cysarz. A carta que Gundolf enviou a Bergson, por exemplo, não foi conservada. Restou apenas a resposta de Bergson a Gundolf.

perigosas quando direcionadas para as construções espirituais”, uma vez que aquele que compreendia a “história não como um resumo de fatos e coisas que aconteceram”, entendia o tempo “como indivisível” um “fluir substancial”. Na perspectiva de Gundolf “essa [era] a primeira influência da filosofia de Henri Bergson sobre as *Geisteswissenschaften*” (Gundolf 1947, pp. 51-52).

O tempo intenso abria a possibilidade para o alcance da vida, pois ela estava ligada necessariamente a um curso temporal que a ciência insistia em compreender extensivamente. Também para Cysarz, a cronologia tradicional constituía uma apreensão homogêna do tempo que destituía a importância da vida e da vivência (Cysarz 1926, p. 18). Bergson afirmou que o tempo vivenciado não poderia ser matematicamente calculado, pois era um tempo heterogêneo no qual havia uma multiplicidade temporal que lhe era intrínseco. Na duração as ocorrências do passado se manifestavam no presente e atuavam nas vivências individuais. No desenrolar da duração passado e presente se intercambiam mediante a sucessão múltipla dos estados de consciência (Bergson 1988, p. 72). Esse tempo real, a duração, é um tempo experimentado no interior dos sujeitos (Bergson 2010, pp.18-19). Para Gundolf e Cysarz, a duração era experimentada pelos sujeitos em suas respectivas vivências no mundo histórico.

Na apreensão de Cysarz, quando comparado à França, o vitalismo apresentava especificidades nacionais na Alemanha. O vitalismo proposto por Bergson priorizava o retorno à vida interior privada, enquanto o vitalismo na Alemanha se voltava para uma associação direta com uma força [*Willenskraft*] que se vinculava diretamente com a realidade social e política. Na tendência francesa, o conceito de vida conduzia a um retorno ao interior com peso emocional. Na Alemanha, por sua vez, o conceito ganhava uma importância social. Assim, “o conceito emocional de vida parece a alguns alemães decadente, o conceito ativo de vida alemão parece a alguns franceses brutal” (Cysarz 1926, p. 217). Semelhante opinião expressou Gundolf em carta a Ernst Curtius, escrita em agosto de 1909. Na perspectiva de Gundolf, o pensamento de Bergson seria mais frutífero na Alemanha. Os franceses “como sempre”, poderiam se entusiasmar com Bergson apenas “momentaneamente, tomá-lo apenas como atual e prático, mas na Alemanha ele deve inflamar uma guerra espiritual [...]”. Bergson “era mais perigoso que Nietzsche” (Lothar 1963, p. 136).

Fica claro aqui a crítica da cultura que se apresenta nas propostas epistemológicas de Gundolf e Cysarz. Os franceses, civilizados, eram superficiais,

enquanto os alemães, reunidos por um sentimento de comunidade, prezavam pela formação profunda e espiritual. Trata-se aqui, portanto, da retomada dos conceitos de cultura e civilização como um par de conceitos assimétricos e antitéticos. Será, portanto, na categoria de individualidade que Gundolf e Cysarz construirão um amálgama entre os conceitos de vivência de Dilthey, de duração de Bergson e sua relação com o mundo histórico e a eternidade.

A individualidade como *Gestalt*

A categoria da individualidade foi central para que Gundolf e Cysarz operassem uma síntese entre o pensamento de Bergson e Dilthey a fim de refletir sobre a dinâmica entre o temporal e o atemporal que se apresentava nas vivências individuais que ocorriam na duração. A *Gestalt*, o indivíduo significativo que comporta a substância eterna no mundo histórico é um conceito que Cysarz absorve – apesar de discordâncias – diretamente de Gundolf e do Círculo de Stefan George. Para Gundolf, o indivíduo significativo ao se movimentar na duração, é central para despertar as forças do passado mediante a substância atemporal.

Aquele que se dedica ao conhecimento de um passado vivo teria por função, ao se voltar para os indivíduos, “convertê-los no seu próprio ser e a irradiação que dele receber transformar em uma nova forma (Gundolf, 1912, p. 2).” Ao retornar à vivência da *Gestalt*, o pesquisador a converte em seu próprio ser mediante sua própria vivência. No entanto, antes disso, é preciso ser consciente de que a *Gestalt* é também histórica, experienciou e deu significado ao seu próprio mundo, transformando-o “a partir de sua própria carne e sangue”, pois “não existia um coração verdadeiro que não fosse capacitado para expandir, deixar-se fluir, transformar, converter o mundo mediante obra, sofrimento ou ação, de acordo com a hora fatídica” (Gundolf 1928, p. 32). O resultado – que se apresenta no mundo via narrativa – pode ser descrito como uma síntese de vivências e temporalidades que carrega consigo a transitoriedade da eternidade, ou seja, da substância atemporal que se manifesta fenomenicamente – via indivíduo e sua obra – no mundo histórico.

Tanto Gundolf quanto Cysarz acompanharam o pensamento de Wilhelm von Humboldt (1767-1835) que em seu ensaio sobre o ofício do historiador, sustentou que haveria entre o historiador e seu objeto uma relação intersubjetiva crucial. Somente se é possível conhecer aquilo que, de alguma forma, já está presente na subjetividade. Neste caminho, ambos os germanistas acreditam que aquilo que vive em um, poderia viver no outro, estabelecendo assim um diálogo intersubjetivo que vai ao encontro do conceito de individualidade unida a um cosmos, uma totalidade. A partir deste

diálogo, o historiador entra em contato com seu próprio objeto, abrindo a possibilidade de influenciar o tempo vindouro. Este pensamento se une à dinâmica entre o eterno e o atemporal que somente pode ser compreendida mediante a vivência intersubjetiva com o passado, pois “o imperecível é dado a nós somente no passado” (Cysarz 1926, p. 91). Pode-se afirmar que o sentido para a realidade se assenta na dialética da temporalidade e da eternidade, constituinte do mundo histórico.

A *Gestalt* não se encontra limitada a um esquema temporal de sucessão ininterrupta, mas atrela-se à duração. O movimento da *Gestalt* no mundo histórico que surge da sua vivência na duração é eminentemente pragmático. A obra é a expressão da vida de um indivíduo significativo. Para Gundolf, a *Gestalt* conecta-se diretamente à duração que permite a união entre o temporal e o atemporal. Ao ser duração, a *Gestalt* ao agir no mundo não restringe sua obra à sua própria temporalidade. Uma vez que a *Gestalt* é duração e nela vive, o indivíduo significativo é aquele que porta a eternidade de outros tempos, adaptando-a em sua própria historicidade, salvaguardando-a para o futuro. Ao lado disso se encontra o caráter intuitivo do trabalho do historiador que, ao também estar na duração, deve detectar aquilo que nas experiências históricas do passado é eternidade. Na perspectiva de Gundolf, “*Gestalt* é duração e basta para nosso tempo e nosso estado que ela proteja o ar eterno. Tudo seria infeliz sem o conhecimento que no mundo moderno um herói cósmico possa nos alcançar” (Gundolf 1921, p.58).

Na linha de Gundolf, Cysarz entendeu a individualidade como categoria dos estudos históricos que incorporava a dinâmica entre o temporal e o atemporal que era vivenciada e apreendida via vivência. A individualidade constituía não “a soma das partes”, mas uma unidade na totalidade [e] totalidade na unidade” (Cysarz 1926, p. 57). Do ponto de vista metódico, a individualidade tornava-se compreensível quando analisada em partes, a despeito de sua relação intrínseca com o ser e a totalidade. Toda individualidade comporta uma tensão que lhe é característica, uma “tensão entre unidade e totalidade, nunca uma unidade absoluta ou uma totalidade completa” (Cysarz 1926, p. 123).

A individualidade não é restrita a um indivíduo, pode abarcar unidades complexas, unidades cosmológicas conjugadas à totalidade. Nesse sentido, o humanismo, o impressionismo e o espírito alemão se apresentavam como individualidades. Grandes complexos culturais constituíam uma totalidade e por essa razão a incorporavam (Cysarz 1926, p. 121). Essas unidades cosmológicas, *Gestalt*, não correspondiam ao domínio das massas na história e mantinham conexão direta com as

formas de comunidade que eram delas propriedade. Como Gundolf, entendeu Cysarz que toda individualidade traz consigo uma característica fundamental que é própria da modernidade: a incontornabilidade de sua condicionalidade histórica, pois “todo individual é histórico; somente o que é histórico pode ser individual” (Cysarz 1926, p. 152). Igualmente, Cysarz sublinhou que o historiador não podia se esquecer da continuidade temporal que conectada a uma totalidade, não se restringia à sucessão linear, pois “onde o historiador somente isola ao invés de construir continuidade, fede a cadáveres” (Cysarz 1926, p. 55). O passado é, portanto, vida e não morte, é vivo para o presente e não pode se constituir como uma crônica de fatos isolados. Essa totalidade dizia respeito a uma comunidade cultural ou, nas palavras de Gundolf, a uma cultura total. No caso de Gundolf e Cysarz essa totalidade correspondia à *Kultur* alemã que mantinha a identidade alemã e se manifestava na substância eterna, temporalizada no mundo histórico.

Gundolf e Cysarz partem do trabalho do historiador Friedrich Wolters para pensar o conceito de *Gestalt*. Apesar de amigos, é curioso que Gundolf nunca tenha citado claramente a influência de Wolters para seu pensamento. Por sua vez, Cysarz se refere a Wolters como base fundamental para a sua apreensão da *Gestalt* (Cysarz 1926, p.115). No segundo *Jahrbuch*, Wolters publicou um artigo, “*Gestalt*”. Em oposição ao racionalismo, Wolters tratou a individualidade como instância portadora da força eterna em comunhão com a comunidade, e junção entre corpo e espírito, cuja separação seria característica da modernidade. A individualidade significativa não deixa de pertencer ao mundo histórico, pois é a experiência do divino no mundo. A *Gestalt* manifesta a síntese entre o limitado e o infinito, o temporal e o eterno, que mediante uma análise intersubjetiva age no presente diante de suas respectivas necessidades históricas (Wolters 1911, pp. 145-148).

A insistência no aspecto cosmológico da *Gestalt* não aparece por acaso. O cosmos marca a relação entre o indivíduo e a totalidade que, no caso de Gundolf e Cysarz, diz respeito à *Kultur* alemã que é marcada pela substância atemporal que se manifesta no mundo histórico. Essa concepção cosmológica dialoga com uma retomada do discurso da antiguidade clássica que parte do individual para o universal e tem a ideia cosmológica como um construto que ordena o caos e que tem como ponto de partida uma necessidade universal – para Gundolf e Cysarz, a manutenção da identidade cultural alemã. Neste sentido, esse discurso permeado pela ideia cosmológica permite a transgressão da existência rumo à essência que se une a um ideal de harmonia que resiste ao caos e o ultrapassa (Resweber 1982, pp. 44; 46).

Esse aspecto cosmológico marca também uma relação direta com o romantismo. Para os românticos, o infinito não está fora do tempo, mantendo uma relação com a finitude. O ato criativo do artista consiste em iluminar esse infinito que se apresenta no finito (Hartmann 1976, p. 190). Enquanto uma atitude vital, o romantismo se opõe ao domínio do racionalismo e combate a precariedade da formação espiritual. O artista encontra-se em um mundo cósmico e, por isso, ele é o mediador entre o mundo histórico e o infinito. Neste caso, o artista age no mundo como um predestinado a cumprir sua tarefa. O artista é, portanto, um indivíduo significativo que vive substancialmente em uma relação dialética entre o temporal e o atemporal²¹. A *Gestalt* em sua relação com o mundo histórico e a eternidade porta consigo a substância atemporal que fundamenta a identidade cultural dos alemães. Assim, o desenvolvimento do mundo histórico pode ser compreendido também como a continuidade da identidade cultural alemã mediante a absorção de uma cultura especificamente nacional durante o processo de formação. A formação do indivíduo autônomo, a *Bildung*, é o que garante a manutenção identitária e, por conseguinte, da substância metafísica atemporal no mundo histórico.

Em duas correspondências, Gundolf deixou clara certa discordância com relação ao conceito de *Gestalt* tal como operado por Cysarz. Após elogiar *Literaturgeschichte als Geisteswissenschaft*, um dos presentes mais produtivos que havia ganhado há anos e uma obra que deveria viver ainda por um século, Gundolf pontua sua única restrição ao livro²². Na opinião de Gundolf, ao utilizar o conceito de *Gestalt*, Cysarz englobava distintos indivíduos sob uma mesma rubrica, desconsiderando suas especificidades. A mesma crítica era dirigida à sociologia de Max Weber. Anos mais tarde, em carta sobre *Von Schiller zu Nietzsche*, obra de Cysarz publicada em 1928, Gundolf insistiu na mesma dissensão.

A crítica de Gundolf recaiu sobre a correlação entre a transcendência e a imanência. A *Gestalt*, escreveu Gundolf, constituía o fenômeno, mediante o qual as

²¹ Não é o objetivo deste artigo discutir as relações entre o trabalho do artista e o do historiador. Contudo, cabe sublinhar que principalmente Gundolf entendia o ofício do historiador como algo artístico. Por essa razão, o historiador criava imagens [*Bilden*] do passado. Outra questão relevante a ser investigada é a relação do conceito de *Gestalt*, como colocado por Gundolf e Cysarz, com o conceito de *Gestalt* que Hegel apresenta em seu curso de estética. Hegel, quando escreveu sobre o cristianismo, entendeu o infinito e o finito como momentos de uma mesma unidade. No curso de estética, Hegel compreendeu a *Gestalt* como o aparecer da ideia na forma e, assim, a arte expressa a unidade entre infinito e finito mediante a forma sensível. Uma das possibilidades de leitura é que Gundolf tentou resolver, em certo sentido, o dilema hegeliano do ser e sua relação com o todo e do finito com o infinito, permeado pelo indivíduo.

²² Carta de Friedrich Gundolf a Herbert Cysarz. 14 de novembro de 1926. *Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies. University of London. Ref. 11412/1847.

forças para o presente poderiam ser alcançadas. Contudo, adverte Gundolf, essas forças que se manifestam fenomenicamente a partir de um diálogo entre temporalidades e vivências, não podem anular a autonomia do indivíduo significativo²³. Gundolf reforça, neste sentido, a dialética entre o elemento eterno e o mundo histórico que circunda a *Gestalt*. Não era possível a análise de ideias abstratas, alheias à realidade histórica, pois tudo era dos homens dependente e a historicidade lhes era característica antropológica incontornável. Neste sentido, “os homens não são o substrato das ideias, mas sim seus criadores e seu conteúdo” (Gundolf 1921, p. 25). O indivíduo significativo, sua vivência na duração, devia colocar-se como um entremeio entre o mundo histórico e a totalidade, a união com o divino, a substância metafísica atemporal.

Na História da Literatura que constitui a tendência da nova Germanística a perspectiva voltada para a individualidade foi fundamental. Essa perspectiva centrada na individualidade é acompanhada por uma análise indutiva que buscava se contrapor ao domínio dedutivo da metodologia das ciências naturais, influente nas ciências humanas desde o século 19. Neste sentido, as pesquisas desempenhadas no âmbito da História da Literatura foram acompanhadas pelas reflexões apoiadas na psicologia – na esteira de Wilhelm Windenband (1848-1915) e Dilthey - e na filosofia (Dainat 1994, p. 510). Ademais, cabe destacar que a insistência na procura por um elemento eterno no mundo histórico se apresentava como um caminho para responder a uma outra faceta da crise do historicismo: o relativismo. Em um mundo onde não parecia ser possível se agarrar em valores perenes, pois tudo parecia ser fluido e circunstanciado em sua própria historicidade, procurar por uma substância metafísica atemporal relacionada ao mundo histórico pareceu a intelectuais como Gundolf e Cysarz, um elemento imprescindível para o desempenho da atividade científica.

A investida de Gundolf e Cysarz para compreender a presença do eterno no mundo histórico converge com a experiência da modernidade ocidental com relação à eternidade. Não foi como uma negação do tempo que os modernos experienciaram a eternidade, mas como um prolongamento infinito do tempo que conduziu à afirmação do eterno no desenrolar temporal que caminha ao lado da sua negação pelo próprio tempo. Diante da perda da transcendência, a exigência do absoluto também foi colocada pelos modernos e eternidade não significava a evasão do tempo, mas passou a constituí-lo. O eterno foi percebido como copertença, ou copresença, como prefere Jacques Rancière. Para o filósofo francês a tensão entre o atemporal e o temporal foi

²³ Carta de Friedrich Gundolf a Herbert Cysarz. 22 de setembro de 1928. *Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies. University of London. Ref. 11412/1847.

central para o nascimento da história científica que implicou a oposição à presença da eternidade no tempo, ao estabelecer o tempo horizontal da sucessão. Entretanto, o tempo da cronologia depende de um tempo onde ela não exista, a eternidade (Rancière 2011, p.23). A eternidade está no presente “que se dobra sobre si, alonga-se e abre-se de um só golpe ao tempo que sucede, e ao eterno, que dura – eis o sentido profundo de copertença do efêmero na modernidade” (Domingues 1996, p. 45)²⁴.

Considerações finais: o tempo, as palavras e a *Bildung*

Gundolf e Cysarz eram representantes da burguesia culta alemã e seguiam o ideal neo-humanista de *Bildung*, formatado por Wilhelm von Humboldt no século 19. O conceito neo-humanista de *Bildung* diz respeito à formação integral e autônoma do homem, não restrita à formação escolar. A conexão entre os conceitos de *Bildung* e *Kultur* promovida pelo neo-humanismo, marca a especificidade do conceito alemão de *Bildung*, constituindo uma especificidade semântica alemã. O conceito de *Kultur* – em oposição ao de civilização, vale lembrar – está interligado diretamente à fundamentação de uma identidade nacional diante da fragilização territorial da Alemanha antes da unificação, ocorrida em 1871. Vinculado diretamente à burguesia culta alemã, o ideal da *Bildung* desempenhou uma função política e social evidente, tornando-se eminentemente histórico ao se unir à árdua tarefa de construir e fundamentar as identidades individuais e coletivas, constituindo referência interpretativa para as experiências históricas coletivas (Koselleck 1990, p. 185). *Bildung* é um conceito que guia a interpretação da experiência temporal e organiza a temporalidade. As experiências dos homens, transformadas em passado, são articuladas ao presente e ao futuro pela consciência histórica, possibilitando a orientação na vida humana prática cotidiana.

²⁴ Algo distinto de Plotino, filósofo grego que primeiro pensou a eternidade. Em Plotino, a eternidade não constitui uma sucessão, um tempo que dura para sempre, pois ela se encontra fora do tempo e o tempo, por sua vez, é a imagem fragmentada da eternidade. Ao contrário de Aristóteles, Plotino recusa a identificação do tempo com o movimento, pois o tempo é subordinado à alma. A eternidade é pensada como uma unidade inextensa e não como fluxo. “Vendo-se todas essas coisas, vê-se a eternidade, porque se vê uma vida que permanece em identidade por possuir sempre presente sua totalidade, não uma parte e outra depois, mas todas as coisas de uma só vez; e, como não são certas coisas agora e depois outras, mas uma completude indivisível – como um ponto em que todos os raios estivessem juntos sem jamais avançarem até um fluxo, mas que permanece em identidade em si mesmo e que não se transforma, estando sempre no presente porque nada dele passou nem nada de novo surgirá, mas sendo precisamente o que é -, assim, a eternidade é não o substrato, mas aquilo que, por assim dizer, reluz a partir do próprio substrato em conformidade a identidade que ele oferece, não em relação ao que virá a ser, mas ao que já é, assim mesmo como é, e não de outro modo; [...] Resulta, portanto, que a vida ao ente em seu ser, toda a completude plena e inteiramente inextensa, é isso o que procuramos: a eternidade” (PLOTINO 2014, p. 62-63). Apesar do distanciamento das reflexões, subsiste a ideia da existência da unidade que originada em um princípio original, existe em todas as partes, sendo característica da eternidade.

A partir do final do século 19, a crise da função formativa do conhecimento histórico e da Germanística estão conectadas a uma crise da *Bildung*. Por estar ligada à crise formativa mediante o ideal de *Bildung*, a crise das *Geisteswissenschaften* acopla a crise da *Kultur*. Existe uma crise nas ciências do espírito que se une a uma crise formativa que resulta no esfacelamento da cultura. Resolver a crise das ciências humanas era também solucionar a crise da cultura e, por consequência, a crise da própria identidade alemã e do grupo social que a promovia e que perdia força paulatinamente desde o final do século 19: a *Bildungsbürgertum*.

A História da Literatura defendida por Gundolf e Cysarz se insere nessa discussão e busca restabelecer o papel social da ciência mediante seu desempenho formativo. Cabe lembrar que o ideal de *Bildung* de Humboldt coloca a ciência como um dos pilares para a formação do espírito. Contudo, Humboldt se opunha à excessiva fragmentação do conhecimento científico que perturbava a aspiração totalizante da *Bildung* que esteve, desde cedo, em oposição ao fracionamento do conhecimento que acompanhou o próprio processo de fundamentação disciplinar das ciências no século 19.

A proposta epistemológica de Gundolf e Cysarz colocam no seu cerne uma relação intersubjetiva imprescindível entre os homens do presente e do passado. A formação do espírito somente pode alcançar o espaço social mediante a ação racional do indivíduo que é autônomo na sua formação. A ideia de *Bildung*, norteadora da própria formação da identidade alemã, tem o indivíduo como seu agente fundamental. A *Gestalt*, o indivíduo significativo, ao portar consigo a substância atemporal promove esse diálogo intersubjetivo entre a eternidade e o tempo, o atemporal e o mundo histórico. É esse diálogo intersubjetivo e formativo que garante a manutenção identitária. A História da Literatura é a narrativa da consciência histórica da *Bildung* e seus desdobramentos para a cultura alemã e, logo, para a identidade nacional.

Na tarefa de defender uma atitude diante da produção do conhecimento histórico mediante a análise da história da literatura, cujo objetivo era estabelecer os princípios epistemológicos para a produção de um conhecimento pragmático, Cysarz e Gundolf não se afastaram das correntes historiográficas predominantes ao longo do século 19. A história, com seu estatuto científico indiscutível, não se configurava como uma crônica de fatos, mas era produto de uma investigação metódica e controlada. Ademais, a história apresentava-se como um coletivo singular, “há apenas uma história que está em muitas” (Cysarz 1926, p. 187).

Evidente que as reflexões elaboradas por ambos os germanistas se afastaram das correntes comumente denominadas por escolas metódicas – que de modo geral, foram predominantes como paradigma da ciência histórica até a Primeira Guerra – e se aproximaram de correntes filosóficas guiadas sobretudo pelas ideias interconectadas de vida e vivência e pela exaltação da experiência interior que sublinhava a experiência do tempo intenso como imprescindível para a compreensão de toda realidade histórica significativa.

Gundolf e Cysarz enfrentaram os desdobramentos da chamada crise do historicismo – que se configurou principalmente enquanto uma crise da função pragmática para o conhecimento histórico – a qual se aprofundaria no decorrer do século 20, perturbado por dois conflitos armados mundiais. Para Gundolf e Cysarz, era fundamental uma história *rerum gestarum* na qual o conhecimento histórico não se apresentava como uma coleção de descrições de fatos compondo uma crônica, mas como um conhecimento que auxiliava o indivíduo, inserido em sua totalidade, na fundamentação, afirmação e capacidade crítica de sua identidade individual e coletiva. Essa transformação do conhecimento histórico era possível se ocorresse uma modificação na forma pela qual se apreendia a experiência do tempo.

O historicismo, para ambos os intelectuais, havia se afastado da vida e assim, da vivência e da duração, enfatizando a sucessão temporal cronológica. Assim, Gundolf e Cysarz buscaram promover uma reflexão sobre a experiência do tempo que permitisse a ressignificação pragmática do conhecimento histórico para a vida. A história está atrelada à função pragmática de fundamentar e conservar a identidade cultural alemã mediante a existência de um elemento atemporal no mundo histórico. Tratava-se de impedir a ação corrosiva do tempo, buscando um fio atemporal que vencesse o efêmero. Volta-se aqui ao desejo de eternidade como parte do tempo que constitui toda a experiência humana relativa ao mesmo.

A eternidade enquanto constitutiva da espiral do tempo histórico traz consigo a permanência como critério fundamental para compreendê-la. O princípio da permanência é o que garante a estabilidade da identidade social e cultural alemã diante das mudanças significativas. Gundolf e Cysarz escreveram em um tempo por um lado vertiginoso e por outro desastroso. De um lado as evoluções técnicas que principalmente desde a segunda metade do século 19, impulsionadas pelo processo tecnológico advindo a industrialização despertavam a sensação de um mundo onde não se poderia fincar raízes. A evolução do trem a vapor estreitava as distâncias. O telefone, apesar de novo e não completamente acessível, abria um novo caminho para

a comunicação. A expansão da iluminação elétrica deu surgimento a novos hábitos, a possibilidade das gravações a partir do fonógrafo e, posteriormente, do gramofone, modificaram as perspectivas no campo das artes. Na última década do século 19, surgiu uma das invenções mais potentes e atordoantes, que influenciaria o mundo definitivamente, sobretudo nos anos vindouros diante da ascensão dos regimes totalitários: o cinema.

Por outro lado, Gundolf e Cysarz vivenciaram as consequências desastrosas advindas da Grande Guerra, da qual ambos participaram diretamente nos *fronts* de batalha. Vivenciaram um novo padrão de conflito no qual a matança – acompanhada da invenção de novas armas – e o desgaste da população civil se tornaram regras. Observaram os resultados do Tratado de Versalhes e a humilhação e completa derrota imposta aos alemães. O período de Weimar trouxe, além da austera crise econômica, a experiência híbrida da democracia com a qual parcela significativa da população não se identificava. Novos atores sociais apareceram para reivindicar seu papel no plano político, o movimento dos operários, com destaque para o movimento Espartaquista. Cysarz entusiasmou-se com a política do nacional socialismo e viu com bons olhos a ascensão de Hitler ao poder. Gundolf não viveu para tanto.

Retornemos ao romantismo de Novalis cujo aforismo abre este artigo. O que se entende por povo, ou seja, identidade, manifesta-se primeiro como ideia. Também para Gundolf e Cysarz, existe, antes de tudo, a ideia de uma identidade cultural alemã que somente alcança a vida social quando é anteriormente interiorizada no indivíduo. Formar-se é absorver a *Kultur* germânica como uma memória especificamente nacional. Apenas o espírito bem formado pode manter e fundamentar a identidade cultural alemã. Para Gundolf e Cysarz esse espírito se apresentava nos indivíduos que ao mover-se na duração garantiam a existência da substância metafísica eterna. A eternidade é, portanto, elemento fundante e fundamental da experiência subjetiva do tempo que se relaciona com o passado, o presente e os projetos acerca do que se espera ser, no plano individual e coletivo, ou seja, o futuro.

Além da sua vasta obra sobre a história da literatura alemã, Gundolf compôs também poesias. Em uma delas expôs o sentido da eternidade na temporalidade:

O sentido eterno não se perde tanto,

Hoje ele eclipsa e aniquila.

O que sabemos nós da medida

Pela qual ele se ajusta?

E nós devemos passar

Também isso é Ele.

Nós não agimos senão com o que ele nos coloca.

O que nós somos e o que ele nos anuncia

Ser um em seu profundo: desaguar em sua plenitude

O que dele se despoja, dele se recebe.²⁵

Referências bibliográficas:

Correspondência trocada entre Friedrich Gundolf e Herbert Cysarz:

Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 12 de novembro de 1923; *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies: University of London. Ref. 11412/1856.

Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 22 de julho de 1924. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies: University of London. Ref. 11412/1856.

Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 1 de fevereiro de 1926. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies: University of London. Ref. 11412/1856.

Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 27 de fevereiro de 1926. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies: University of London. Ref. 11412/1856.

Friedrich Gundolf a Herbert Cysarz. 1 de fevereiro de 1926. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies: University of London. Ref. 11412/1847.

Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 4 de junho de 1927. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies: University of London. Ref. 11412/1856.

Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 1 de outubro de 1927. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies: University of London. Ref. 11412/1856.

²⁵ GUNDOLF, Friedrich. *Gedichte*. Berlim: Georg Bondi, 1930, p.13.

Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 6 de outubro de 1927. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies: University of London. Ref. 11412/1856.

Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 27 de outubro de 1927. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies: University of London. Ref. 11412/1856.

Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 29 de janeiro de 1928. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies: University of London. Ref. 11412/1856.

Friedrich Gundolf a Herbert Cysarz. 22 de novembro de 1928. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies: University of London. Ref. 11412/1847.

Herbert Cysarz a Friedrich Gundolf. 20 de dezembro de 1929. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies: University of London. Ref. 11412/1856.

BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, 1998.

_____. *A Evolução Criadora*. São Paulo: Editora unesp, 2010.

BOCK, Claus (Hg.). *Gundolf Briefe. Neue Folge*. Amsterdam: Castrum Peregrini, 1965.

BOEHRINGER, Robert; LANDMANN, Georg P. (Hgs.). *Stefan George – Friedrich Gundolf Briefwechsel*. München; Düsseldorf: Helmut Küpper, 1962.

CYSARZ, Herbert. “Gundolf und sein Kleist”. In: *Österreichische Rundschau*. 19, 1923.

_____. “Friedrich Gundolf und die deutsche Geisteswissenschaft”. In: *Der Morgen*. Berlim, n.1,v.3, August, 1925.

_____. *Literaturgeschichte als Geisteswissenschaft*. Halle an der Saale: Verlag von Max Niemeyer, 1926.

_____. “Wagner, Nietzsche, George”. In: *Jahrbuch des freien deutschen Hochschiffs*. Halle: 1931.

_____. *Fünf Vorträge*. Karlsbad; Leipzig, 1935.

DAINAT, Holger. “Von der Neueren Deutschen Literaturgeschichte zur Literaturwissenschaft. Die Fachentwicklung von 1890 bis 1913/1914. In: FORHMANN, Jürgen; VOBKAMP, Wilhelm. *Wissenschaftsgeschichte der Germanistik im 19. Jahrhundert*. Stuttgart: J.B. Metzler, 1994.

DOMINGUES, Ivan. *O Fio e a Trama. Reflexões sobre o Tempo e a História*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Iluminuras, 1996.

FENSKE, Hans. *Deutsche Geschichte vom Anfang des Mittelalters bis Heute*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2002.

FOHRMANN, Jürgen. “Von den deutschen Studien zur Literaturwissenschaft”. In: FORHMANN, Jürgen; VOßKAMP, Wilhelm. *Wissenschaftsgeschichte der Germanistik im 19. Jahrhundert*. Stuttgart: J.B. Metzler, 1994.

FRICKER, Christophe (Hg.). *Friedrich Gundolf – Friedrich Wolters. Ein Briefwechsel aus dem Kreis um Stefan George*. Köln; Weimar; Wien: Böhlau, 2009.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

GUNDOLF, Friedrich. “Wesen und Beziehung”. In: GUNDOLF, Friedrich; WOLTERS, Friedrich (Hgs.). *Zweiter Jahrbuch für die geistige Bewegung*. Berlin: Verlag der Blätter für die Kunst, 1911.

_____. “Vorbilder”. In: GUNDOLF, Friedrich; WOLTERS, Friedrich (Hg.). *Dritte Jahrbuch für die geistige Bewegung*. Berlin: Verlag der Blätter für die Kunst, 1912.

_____. *Dichter und Helden*. Heidelberg: Weiss'sche Universitäts-Buchhandlung, 1921.

_____. *Shakespeare: Sein Wesen und Werk*. Bd 1. Berlin: Georg Bondi, 1928.

_____. *Gedichte*. Berlin: Georg Bondi, 1930.

_____. *Shakespeare und der deutsche Geist*. Godesberg: Helmut Küpper, 1947.

Henri Bergson a Friedrich Gundolf. Carta de 26 de março de 1910. *Friedrich Gundolf Papers*. Institute of Germanic and Romance Studies: University of London. Ref. 11412/1853.

HARTMANN, Nicolai. *A Filosofia do Idealismo Alemão*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1976.

HUMBOLDT, Wilhelm von. “Sobre a tarefa do historiador”. In: MARTINS, Estevão C. de Rezende. *A História Pensada. Teoria e Método na Historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.

KLUNCKER, Karlhaus (Hg.). *Karl und Hanna Wolfskehl mit Friedrich Gundolf Briefwechsels 1899-1931*. Amsterdam: Castrum Peregrini, 1977.

KOLK, Rainer. “Liebhaber, Gelehrte, Experten. Das Sozialsystem der Germanistik bis zum Beginn des 20. Jahrhunderts”. In: FORHMANN, Jürgen; VOßKAMP, Wilhelm. *Wissenschaftsgeschichte der Germanistik im 19. Jahrhundert*. Stuttgart: J.B. Metzler, 1994.

_____. *Literarische Gruppenbildung. Am Beispiel des George-Kreises*. Berlin: Walter de Gruyter, 2012.

KOSELLECK, Reinhardt. “Einleitung – Zur antropologischen und semantischen Struktur der Bildung”. In: KOSELLECK, Reinhardt (Hg.). *Bildungsbürgertum im 19. Jahrhunderts*. Teil II. Stuttgart: Klett-Cotta, 1990.

- KRUCKIS, Hans-Martin. "Goethe-Philologie als Paradigma neuphilologischer Wissenschaft im 19. Jahrhundert". In: FORHMANN, Jürgen; VOßKAMP, Wilhelm. *Wissenschaftsgeschichte der Germanistik im 19. Jahrhundert*. Stuttgart: J.B. Metzler, 1994.
- LOTHAR, Helbing (Hg.). *Friedrich Gundolf Briefwechsel mit Herbert Steiner und Ernst Curtius*. Amsterdam: Castrum Peregrini, 1963.
- PLOTINO. "Sobre a eternidade e o tempo". In: PUENTE, Fernando Rey; JÚNIOR, José Bacarat (Orgs.). *Tratados sobre o tempo. Aristóteles, Plotino e Agostinho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- RANCIERE, Jacques. "O conceito de anacronismo e a verdade do historiador". In: SALOMON, Marlon (Org.). *História, Verdade e Tempo*. Chapecó: Argos, 2011.
- RESWEBER, Jean-Paul. *A Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.
- RÖD, Wolfgang. *O Caminho da Filosofia*. Vol. 2. Brasília: Editora UnB, 2018.
- RÜSEN, Jörn. *Teoria da História. Uma teoria da história como ciência*. Curitiba: UFPR, 2015.
- SALIN, Edgar. *Um Stefan George*. Godesberg: Verlag Helmut Küpper, 1948.
- SCHMITZ, Victor. *Gundolf. Eine Einführung in sein Werk*. Helmut Küpper, 1965.
- SCHOLTZ, Gunter. "Diltheys Geschichtstheorie". In: SCHOLTZ, Gunter (Hg.). *Diltheys Werk und die Wissenschaften. Neue Aspekte*. Göttingen: V&R Unipress, 2013.
- SILVA, Walkiria Oliveira. "Alemanha Secreta: Biografia e História no Círculo de Stefan George". In: MARTINS, Estevão C. de Rezende; MOLLO, Helena (Orgs.). *Desafios e Caminhos da Teoria e da História da Historiografia 2013*. Mariana: Editora SBTHH, 2016.
- STRICH, Fritz. "Aufgaben der heutigen Literaturwissenschaft". In: *Deutsche Allgemeine Zeitung*. 14 de Agosto de 1927.
- TADDEY, Gerhard (Hg.). *Lexicon der deutschen Geschichte bis 1945*. Stuttgart: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1998.
- WOLTERS, Friedrich. "Gestalt". In: GUNDOLF, Friedrich; WOLTERS, Friedrich (Hg.). *Zweiter Jahrbuch für die geistige Bewegung*. Berlin: Verlag der Blätter für die Kunst, 1911.